

SOPRO

44

REVOLUCION



O MUERTE



Editores: Alexandre Nodari e Flávia Cera

Capa: Foto de um muro em Almería, na Espanha. Fonte: <http://community.webshots.com/photo/fullsize/1451788790073402482IPsiKp>

A tradução de "O planeta doente" aqui publicada apareceu pela primeira vez em <http://juralibertaire.over-blog.com/article-13908597.html>

Outro fragmento de *Em estado de memória*, o capítulo "Corpo de pobre", pode ser lido em http://www.idelberavelar.com/archives/2010/11/lancamento_brasileiro_de_em_estado_de_memoria_de_tununa_mercado

Escrito em 1971, por Guy Debord, para aparecer no nº 13 da revista Internacional Situacionista, este artigo permaneceu inédito até recentemente, quando foi publicado, junto com dois outros textos do mesmo autor, em La Planète malade (Paris, Gallimard, 2004, pp. 77-94). Tradução de Emiliano Aquino (<http://emilianoaquino.blogspot.com/>)

ARQUIVO

O planeta doente

por Guy Debord

(1971)

A "poluição" está hoje na moda, exatamente da mesma maneira que a revolução: ela se apodera de toda a vida da sociedade e é representada ilusoriamente no espetáculo. Ela é tagarelice tediosa numa plethora de escritos e de discursos errôneos e misticadores, e, nos fatos, ela pega todo mundo pelo pescoço. Ela se expõe em todo lugar enquanto ideologia e ganha terreno enquanto processo real. Esses dois movimentos antagônicos, o estágio supremo da produção mercantil e o projeto de sua negação total, igualmente ricos de contradições em si mesmos, crescem em conjunto. São os dois lados pelos quais se manifesta um mesmo momento histórico há muito tempo esperado e freqüentemente previsto sob figuras parciais inadequadas: a impossibilidade da continuação do funcionamento do capitalismo.

A época que tem todos os meios técnicos de alterar as condições de vida na Terra é igualmente a época que, pelo mesmo desenvolvimento técnico e científico separado, dispõe de todos os meios de controle e de previsão matematicamente indubitável para medir com exatidão antecipada para onde conduz — e em que data — o crescimento automático das forças produtivas alienadas da sociedade de classes: isto é, para medir a degradação rápida das condições de sobrevida, no sentido o mais geral e o mais trivial do termo.

Enquanto imbecis passadistas ainda dissertam sobre, e contra, uma crítica *estética* de tudo isso, e crêem mostrar-se lúcidos e modernos por se mostrarem esposados com seu século, proclamando que a auto-estrada ou Sarcelles têm sua beleza que se deveria preferir ao desconforto dos “pitorescos” bairros antigos ou ainda fazendo observar gravemente que o conjunto da população come melhor, a despeito das nostalgias da boa cozinha, já o problema da degradação da totalidade do ambiente natural e humano deixou completamente de se colocar no plano da pretensa qualidade antiga, estética ou outra, para se tornar radicalmente o próprio problema da *possibilidade material de existência* do mundo que persegue um tal movimento. A impossibilidade está de fato já perfeitamente demonstrada por todo o conhecimento científico separado, que discute somente sua data de vencimento; e os paliativos que, se fossem aplicados firmemente, a poderiam regular superficialmente. Uma tal ciência apenas pode acompanhar em direção à destruição o mundo que a produziu e que a *mantém*; mas ela é obrigada a fazê-lo com os olhos abertos. Ela mostra assim, num nível caricatural, a inutilidade do conhecimento sem uso.

Mede-se e se extrapola com uma precisão excelente o aumento rápido da poluição química da atmosfera respirável, da água dos rios, dos lagos e até mesmo dos oceanos; e o aumento irreversível da radioatividade acumulada pelo desenvolvimento *pacífico* da energia nuclear, dos efeitos do barulho, da invasão do espaço por produtos de materiais plásticos que podem exigir uma eternidade de depósito universal, da natalidade louca, da falsificação insensata dos alimentos, da lepra urbanística que se estende sempre mais no lugar do que antes foram a cidade e o campo; assim como as doenças mentais — aí compreendidas as fobias neuróticas e as alucinações que não pode-

riam deixar de se multiplicar bem cedo sobre o tema da própria poluição, da qual se mostra em todo lugar a imagem alarmante — e do suicídio, cujas taxas de expansão se entrecruzam já exatamente com as de edificação de um tal ambiente (para não falar dos efeitos da guerra atômica ou bacteriológica, cujos meios estão posicionados como a espada de Dâmoctes, mas permanecem evidentemente evitáveis).

Logo, se a amplitude e a própria realidade dos “terrores do Ano Mil” são ainda um assunto controverso entre os historiadores, o terror do Ano Dois Mil é tão patente quanto bem fundado; ele é desde o presente uma certeza *científica*. Contudo, o que se passa não é em si mesmo nada novo: é somente o *fim necessário* do antigo processo. Uma sociedade cada vez mais doente, mas cada vez mais poderosa, recriou em todo lugar concretamente o mundo como ambiente e *décor* de sua doença, enquanto *planeta doente*. Uma sociedade que não se tornou ainda homogênea e que não é mais determinada por si mesma, mas *cada vez mais* por uma parte dela mesma que lhe é superior, desenvolveu um movimento de dominação da natureza que contudo não se dominou a si mesmo. O capitalismo finalmente trouxe a prova, por seu próprio movimento, de que *ele não pode mais desenvolver as forças produtivas*; e isso não *quantitativamente*, como muitos acreditaram compreender, mas *qualitativamente*.

Contudo, para o pensamento burguês, metodologicamente, somente o quantitativo é o sério, o mensurável, o efetivo; e o qualitativo é somente a incerta decoração subjetiva ou artística do verdadeiro real estimado em seu verdadeiro peso. Ao contrário, para o pensamento dialético, portanto, para a história e para o proletariado, o qualitativo é a dimensão a mais

decisiva do desenvolvimento real. Eis aí o que o capitalismo e nós terminamos por demonstrar.

Os senhores da sociedade são obrigados agora a falar da poluição, tanto para combatê-la (pois eles vivem, apesar de tudo, no mesmo planeta que nós; é este o único sentido ao qual se pode admitir que o desenvolvimento do capitalismo realizou efetivamente uma certa fusão das classes) e para a dissimular, pois a simples verdade dos danos e dos riscos presentes basta para constituir um imenso fator de revolta, uma exigência *materialista* dos explorados, tão inteiramente vital quanto o foi a luta dos proletários do século XIX pela possibilidade de comer. Após o fracasso fundamental de todos os reformismos do passado — que aspiram todos eles à solução definitiva do problema das classes —, um novo reformismo se desenha, que obedece às mesmas necessidades que os precedentes: lubrificar a máquina e abrir novas oportunidades de lucros às empresas de ponta. O setor mais moderno da indústria se lança nos diferentes paliativos da poluição, como em um novo nicho de mercado, tanto mais rentável quanto mais uma boa parte do capital monopolizado pelo Estado nele está a empregar e a manobrar. Mas se este novo reformismo tem de antemão a garantia de seu fracasso, exatamente pelas mesmas razões que os reformismos passados, ele guarda em face deles a radical diferença de que *não tem mais tempo diante de si*.

O desenvolvimento da produção se verificou inteiramente até aqui enquanto realização da *economia política*: desenvolvimento da miséria, que invadiu e estragou o próprio meio da vida. A sociedade em que os produtores se matam no trabalho, e cujo resultado devem somente contemplar, lhes deixa claramente ver, e respirar, o resultado geral do trabalho alienado enquanto resultado *de morte*. Na sociedade da

economia superdesenvolvida, tudo entrou na esfera dos *bens econômicos*, mesmo a água das fontes e o ar das cidades, quer dizer que tudo se tornou o *mal econômico*, “negação acabada do homem” que atinge agora sua perfeita *conclusão material*. O conflito entre as forças produtivas modernas e as relações de produção, burguesas ou burocráticas, da sociedade capitalista entrou em sua fase última. A produção da não-vida prosseguiu cada vez mais seu processo linear e cumulativo; vindo a atravessar um último limiar em seu progresso, ela produz agora diretamente a morte.

A função última, confessada, essencial, da economia desenvolvida hoje, no mundo inteiro em que reina o trabalho-mercadoria, que assegura todo o poder a seus patrões, é a *produção dos empregos*. Está-se bem longe das idéias “progressistas” do século anterior [século XIX] sobre a diminuição possível do trabalho humano pela multiplicação científica e técnica da produtividade, que se supunha assegurar sempre mais facilmente a satisfação das *necessidades anteriormente reconhecidas por todos reais* e sem *alteração fundamental* da qualidade mesma dos bens que se encontrariam disponíveis. É presentemente para produzir empregos, até nos campos esvaziados de camponeses, ou seja, para utilizar o trabalho humano *enquanto trabalho alienado*, enquanto assalariado, que se faz *todo o resto*; e, portanto, que se ameaça estupidamente as bases, atualmente mais frágeis ainda que o pensamento de um Kennedy ou de um Brejnev, da vida da espécie.

O velho oceano é em si mesmo indiferente à poluição; mas a história não o é. Ela somente pode ser salva pela abolição do trabalho-mercadoria. E nunca a consciência histórica teve tanta necessidade de dominar com tanta urgência seu mundo, pois o inimigo que

está à sua porta não é mais a ilusão, mas sua morte.

Quando os pobres senhores da sociedade da qual vemos a deplorável conclusão, bem pior do que todas as condenações que puderam fulminar outrora os mais radicais dos utopistas, devem presentemente reconhecer que nosso ambiente se tornou social, que a gestão de *tudo* se tornou um negócio diretamente político, até as ervas dos campos e a possibilidade de beber, até a possibilidade de dormir sem muitos soníferos ou de tomar um banho sem sofrer de alergias, num tal momento se deve ver também que a velha política especializada deve reconhecer que ela está completamente finda.

Ela está finda na forma suprema de seu voluntarismo: o poder burocrático totalitário dos regimes ditos socialistas, porque os burocratas no poder não se mostraram capazes nem mesmo de gerir o estágio anterior da economia capitalista. Se eles poluem muito menos — apenas os Estados Unidos produzem sozinhos 50% da poluição mundial — é porque são muito mais pobres. Eles somente podem, como por exemplo a China, reunindo em bloco uma parte desproporcionada de sua contabilidade de miséria, comprar a parte de poluição de prestígio das potências pobres, algumas descobertas e aperfeiçoamentos nas técnicas da guerra termonuclear, ou mais exatamente, do espetáculo ameaçador. Tanta pobreza, material e mental, sustentada por tanto terrorismo, condena as burocracias no poder. E o que condena o poder burguês mais modernizado é o resultado insuportável de tanta riqueza efetivamente empestada. A gestão dita democrática do capitalismo, em qualquer país que seja, somente oferece suas eleições-demissões que, sempre se viu, nunca mudava nada no conjunto, e mesmo muito pouco no detalhe, numa sociedade de classes que se imaginava poder durar indefinida-

mente. Elas aí não mudam nada de mais no momento em que a própria gestão enlouquece e finge desejar, para cortar certos problemas secundários embora urgentes, algumas vagas diretrizes do eleitorado alienado e cretinizado (U.S.A., Itália, Inglaterra, França). Todos os observadores especializados sempre salientaram — sem se preocuparem em explicar — o fato de que o eleitor não muda nunca de “opinião”: é justamente porque é eleitor, o que assume, por um breve instante, o papel abstrato que é precisamente destinado a impedir de ser por si mesmo, e de mudar (o mecanismo foi demonstrado centenas de vezes, tanto pela análise política desmistificada quanto pelas explicações da psicanálise revolucionária). O eleitor não muda mais quando o mundo muda sempre mais precipitadamente em torno dele e, enquanto eleitor, ele não mudaria mesmo às vésperas do fim do mundo. Todo sistema representativo é essencialmente conservador, mesmo se as condições de existência da sociedade capitalista não puderam nunca ser conservadas: elas se modificam sem interrupção, e sempre mais rápido, mas a decisão — que afinal é sempre a decisão de liberar o próprio processo da produção capitalista — é deixada inteiramente aos especialistas da publicidade, quer sejam eles únicos na competição ou em concorrência com aqueles que vão fazer a mesma coisa, e aliás o anunciam abertamente. Contudo, o homem que vota “livremente” nos gaullistas ou no P.C.F., tanto quanto o homem que vota, constrangido e forçado, num Gomulka, é capaz de mostrar o que ele verdadeiramente é, na semana seguinte, participando de uma greve selvagem ou de uma insurreição.

A autoproclamada “luta contra a poluição”, por seu aspecto estatal e legalista, vai de início criar novas especializações, serviços ministeriais, cargos, promoção burocrática. E sua eficácia estará completamente

na medida de tais meios. Mas ela somente pode se tornar uma vontade real ao transformar o sistema produtivo atual em suas próprias raízes. E somente pode ser aplicada firmemente no instante em que todas suas decisões, tomadas democraticamente em conhecimento pleno de causa, pelos produtores, estiverem a todo instante controladas e executadas pelos próprios produtores (por exemplo, os navios derramarão infalivelmente seu petróleo no mar enquanto não estiverem sob a autoridade de reais *soviets de marinheiros*). Para decidir e executar tudo isso, é preciso que os produtores se tornem adultos: é preciso que se apoderem todos do poder.

O otimismo científico do século XIX se desmoronou em três pontos essenciais. Primeiro, a pretensão de garantir a revolução como resolução feliz dos conflitos existentes (esta era a ilusão hegeliano-esquerdista e marxista; a menos notada na *intelligentsia* burguesa, mas a mais rica e, afinal, a menos ilusória). Segundo, a visão coerente do universo, e mesmo simplesmente, da matéria. Terceiro, o sentimento eufórico e linear do desenvolvimento das forças produtivas. Se nós dominarmos o primeiro ponto, teremos resolvido o terceiro; e saberemos fazer bem mais tarde do segundo nossa ocupação e nosso jogo. Não é preciso tratar dos sintomas, mas da própria doença. Hoje o medo está em todo lugar, somente sairemos dele confiando-nos em nossas próprias forças, em nossa capacidade de destruir toda alienação existente e toda imagem do poder que nos escapou. Remetendo *tudo*, com exceção de nós próprios, ao único poder dos Conselhos de Trabalhadores possuindo e reconstruindo a todo instante a totalidade do mundo, ou seja, à racionalidade verdadeira, a uma legitimidade nova.

Em matéria de ambiente “natural” e construído, de natalidade, de biologia, de produção, de “loucura” etc.,

não haverá que escolher entre a festa e a infelicidade, mas, conscientemente e em cada encruzilhada, entre, de um lado, mil possibilidades felizes ou desastrosas, relativamente corrigíveis, e, de outra parte, o nada. As escolhas terríveis do futuro próximo deixam esta única alternativa: democracia total ou burocracia total. Aqueles que duvidam da democracia total devem esforçar-se para fazer por si mesmos a prova dela, dando-lhe a oportunidade de se provar em marcha; ou somente lhes resta comprar seu túmulo a prestações, pois “a autoridade, se a viu em obra, e suas obras a condenam” (Jacques Déjacque).

“A revolução ou a morte”: esse slogan não é mais a expressão lírica da consciência revoltada, é a última palavra do pensamento científico de nosso século [XX]. Isso se aplica aos perigos da espécie como à impossibilidade de adesão pelos indivíduos. Nesta sociedade em que o suicídio progride como se sabe, os especialistas tiveram que reconhecer, com um certo despeito, que ele caíra a quase nada em maio de 1968. Essa primavera obteve assim, sem precisamente subi-lo em assalto, um bom céu, porque alguns carros queimaram e porque a todos os outros faltou combustível para poluir. Quando chove, quando há nuvens sobre Paris, não esqueçam nunca que isso é responsabilidade do governo. A produção industrial alienada faz chover. A revolução faz o bom tempo.

Tradução de Emiliano Aquino



Em estado de memória
de *Tununa Mercado*
Tradução de Idelber Avelar
Rio de Janeiro: Record, 2011

O **SOPRO** publica, abaixo, um fragmento do livro *Em estado de memória, de Tununa Mercado*, em tradução de Idelber Avelar. O lançamento da edição brasileira está previsto para fevereiro.

8

SOPRO 44 JANEIRO/2011



FRAGMENTO

Em estado de memória

de *Tununa Mercado*

A Espécie Furtiva

De uma noite de verão, janeiro ou fevereiro de 1951, ficou um vestígio que se emancipa, por assim dizer, da história que o sustenta, e nesse desprendimento, só, isolado, deixa-se reconhecer como um signo transeunte, preso a outros acontecimentos de minha vida, mas já sem nenhum enraizamento possível, como uma alma. A mão de um menino cruza o espaço que separa sua cama da minha, se estende com audácia na escuridão, se lança ao vazio, e minha mão de menina está ali para tomá-la; as duas mãos que tiveram que vencer toda adversidade, toda oposição para receber e transmitir ao mesmo tempo seu desejo de se unirem. Esse único, fugaz e imperecível contato na noite desse verão, fruto do acaso de uma disposição de camas e de meninos em camas num quarto, ao arbítrio de uns adultos, essa união das mãos que se encontraram e se tiveram uma à outra produzindo sucessivas iluminações interiores, uma ardorosa dor porque na intensidade mesma que a união provocava estava se antecipando a separação, essa fervente e momentânea fusão fundou para mim, de maneira irreversível, a espécie furtiva.

A imagem soltou durante todo o dia seguinte, e ainda no ano e lustro seguintes, com uma perda de força e um avanço até a extinção imparável ao longo de mais quatro decênios, um resplendor estranho que machucava, curiosamente, com mais dor, à medida que se apagava. Os olhos negros do menino, recordo, não me olharam

quando a luz fechou a noite daquele verão; permaneceram reclusos detrás de suas pestanas como cortinas, e tudo ficou na iminência da véspera. Depois, tudo o que aconteceu a partir dessa primeira ponte na noite, na epifania do encontro ou no pesadelo da perda, teve a ressonância dessa figura: alheio ou alheia à forma que ganha em mim, o outro ou a outra, como o menino, estão mudos ou ausentes quando a figura se recria. A espécie obstinou-se em se reproduzir sobretudo no meu regresso à Argentina; ela se manifestava em evocações e era recolhida por minha consciência como uma haste à qual não se pode desconhecer nem, menos ainda, negar um nome.

Às vezes, a ponte estendida na noite nem bem entrada em sombras é meu olhar que atravessa a rua pelo interstício de umas cortinas semi-abertas; do outro lado está um menino de calças à meia perna, meias de escola cinza, sapatos negros abotinados; ele olha a casa, percorre-a com seus olhos escuros e apremiantes como de comadre, depois olha ao longe o bonde que não chega, volta a olhar a casa e, de repente, respondendo ao meu chamado das sombras, fixa-se exatamente nesse ponto do meu lugar de aparecimento, detém-se em minha mera pupila, e permanece cravado a esse círculo de meu olho. Mal mexe uma mão, adianta um pé, como para dar sinais de receber meu olhar, que não se vê, mas que parece ter estabelecido com o seu uma união inquebrantável. Alguma vez abri as cortinas e me deixei ver, e o encontro foi então tão evidente, posto que ele me cumprimentou e sorriu de seu lugar de espera, que alguém nos descobriu de outra janela. O temor ao castigo, a ponte quebrada por um terceiro, meu súbito desaparecimento para o interior do quarto apagaram o sinal e, sem emissão, o menino de calças à meia perna, que se chamava Elvio, afastou-se de minha vida, afastou-se mas volta porque, sem sabê-lo, ele estava tocando essa substância constitutiva, esse espécie roubada e sigilosa.

O furtivo dessa espécie tem uma característica: a reunião, a ponte noturna roubada ao mundo que pode ser estendida de manhã ou de tarde, mas que não deixará por isso de ser noturna, é uma aquisição para sempre; esse bem não se esgota e, em cada renovação, reitera seus efeitos. Cruzei-o mil vezes e evoquei-o outras tantas quando minha vida se enfraquecia, mas se estendeu, tensa, em meio arco, com um vazio intermédio infranqueável como nunca havia acontecido, numa noite do mês de julho de 1987, a poucos meses de meu regresso a Buenos Aires: eu e ele, o outro necessário para que a figura se recriasse, permanecemos na borda, sem transpor o espaço intermédio e, por acréscimo, o peso da separação e a perda ficaram em minha margem descompensada.

(...)

Tradução de Idelber Avelar